



**AS REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NO  
PENSAMENTO DE AILTON KRENAK A PARTIR DA OBRA *A VIDA NÃO É ÚTIL*  
(2020)**

**THE REPRESENTATIONS OF SOCIO-ENVIRONMENTAL RELATIONS IN THE  
THOUGHT OF AILTON KRENAK BASED ON THE WORK *LIFE IS NOT USEFUL*  
(2020)**

Ayrton Matheus da Silva Nascimento<sup>1</sup>

Carlos Alberto Batista dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

As desestruturas socioambientais têm sido alvo de inúmeras reflexões na contemporaneidade. Dada sua relevância, percebe-se sua influência temática em diversas produções científicas e literárias, incluindo trabalhos de autorias indígenas. Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivo analisar as representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak, a partir da obra “A Vida Não é Útil”. Do ponto de vista metodológico, buscamos fundamentar-nos nas interlocuções entre os estudos da História Cultural, tomando a obra literária como fonte para a construção das narrativas históricas, com o objetivo de identificar as representações sobre a sociedade, a natureza e o nosso tempo. Para isso, realizamos um estudo de caráter bibliográfico e documental, empregando a análise de conteúdo como procedimento para recorte e interpretação dos dados. Com essa abordagem, identificamos no pensamento do autor quatro momentos fundamentais: a denúncia da humanidade moderna, utilitarista e ocidentalizada como responsável pela degradação do meio ambiente; a percepção das limitações dos recursos naturais; o papel desempenhado pelas instituições na manutenção das desigualdades; e a cosmovisão indígena como contraponto a essas desestruturas. Esses aspectos nos permitem avançar na reflexão sobre as cosmovisões indígenas na contemporaneidade, mobilizadas para a proposição de outras formas de se relacionar de maneira ecológica com o meio ambiente.

**Palavras-chave:** Literaturas Indígenas; Ecologia; Modernidade; Meio Ambiente.

### ABSTRACT

Socio-environmental disruptions have been the subject of numerous reflections in contemporary times. Given their relevance, their thematic influence is evident in various scientific and literary productions, including works by Indigenous authors. Thus, this paper aims to analyze the representations of socio-environmental relations in the thought of Ailton Krenak, based on the work "Life is Not Useful." From a methodological point of view, we seek to base ourselves on the interrelationships between Cultural History studies, taking the literary work as a source for the construction of historical narratives, with the objective of identifying representations about society, nature, and our time. For this, we carried out a study of a bibliographical and documentary nature, employing content analysis as a procedure for data selection and interpretation. With this approach, we identified four fundamental

<sup>1</sup> Graduação em História (UFAL/2020); Especialização em História e Cultura Indígena e Afro-Brasileira e Ensino de Geografia, Meio Ambiente e História (FI, Iguçu/2024); Mestrado em História (UFS/2022); Doutorando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (UNEB). Email: ayrtonmatheus2015@hotmail.com.

<sup>2</sup> Biólogo/Etnobiólogo, Mestre em Zoologia (UESC), Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE). Atua na área de Zoologia, Conservação da Biodiversidade, Etnozoologia e Etnoecologia. Professor da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental DTCS/UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa em Etnobiologia e Conservação dos Recursos Naturais (UNEB), Pesquisador do OPARÁ: Centro de Pesquisas em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação (UNEB).

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.74-98.



moments in the author's thought: the denunciation of modern, utilitarian, and Westernized humanity as responsible for the degradation of the environment; the perception of the limitations of natural resources; the role played by institutions in maintaining inequalities; and the Indigenous worldview as a counterpoint to these disruptions. These aspects allow us to advance in the reflection on Indigenous worldviews in contemporary times, mobilized for the proposition of other ways of relating ecologically with the environment.

**Keywords:** Indigenous Literatures; Ecology; Modernity; Environment.

## 1. INTRODUÇÃO

As inúmeras desestruturas das relações socioambientais decorrentes das crises socioeconômicas do modo de produção capitalista, intensificadas na atualidade (Mészáros, 2020), têm nos direcionado para a necessidade de construção de um saber ecológico (Marques, 2020), ou seja, uma proposta de educação ambiental como possibilidade interventiva para mitigar esses efeitos (Brasil, 2022).

Nesse sentido, a história socioambiental nos oferece a possibilidade de refletir sobre as relações entre os grupos humanos e as condições de vida nos territórios que habitam. Essa abordagem contribui para a construção histórica das relações de poder em torno do uso dos recursos naturais, considerando as interações entre sociedade e meio ambiente (Silva, 2017).

É justamente por meio de uma educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória, capaz de reconhecer e valorizar formas alternativas de relação do ser humano com a natureza, que se pode questionar as hegemonias do capitalismo (Freire, 1981; 2014; Loureiro, 2005; Mészáros, 2020). Essa abordagem tem permitido importantes deslocamentos e desestabilizações da história tradicional dos sujeitos e dos grupos subalternizados (Bravo, 2013).

Desse modo, no movimento de produzir novas narrativas, impulsionado pelas renovações historiográficas, o historiador pode trabalhar com distintas materialidades para construir seu trabalho histórico, tomando a literatura como uma fonte capaz de fornecer vestígios sobre a experiência humana (Barros, 2019). A literatura, assim, constitui-se em um importante documento histórico, funcionando como forma de expressão artística da sociedade em sua historicidade e contribuindo para a produção do conhecimento histórico (Borges, 2014).

Para a construção desse diálogo, é preciso reconhecer que a história é uma ciência capaz de produzir conhecimento que representa aspectos do passado, encontrando na literatura e em sua escrita elementos da época em que foi produzida. Isso sem desconsiderar que o texto NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.74-98.



também reflete sua própria temporalidade, bem como as incursões de seus autores, leitores etc., independentemente do período que a obra literária busca retratar (Pesavento, 2004).

Para Bicalho e Alves (2025), a literatura e a história consistem em formas de interpretação do presente, capazes de reconstituir o passado e efetivar projeções em torno do futuro. Desse modo, as estratégias retóricas e estilísticas são responsáveis por conferir vitalidade às narrativas, aos personagens e aos eventos construídos na obra. São esses elementos que permitem apresentar e problematizar aspectos concernentes ao social e à experiência humana.

De acordo com Candido (1987), a literatura constitui uma importante maneira de reflexão sobre a realidade histórico-social, visto que está intrinsecamente ligada à sociedade que a produz (Guimarães Júnior, 2024). Ao fornecer elementos datados que se somam à experiência de autores e leitores, a obra literária consolida sua própria historicidade, tornando-se capaz de revelar as marcas de sua época. Tal relação apresenta-se fundamental para a formação cultural e humanizadora do indivíduo (Machado, 2023). Nesse sentido, interessa ao historiador analisar os padrões estéticos e intelectuais que permeiam a tessitura das narrativas literárias, buscando compreender essas conexões (Candido, 1987).

Nesse sentido, aproximamo-nos dos estudos da História Cultural e da História Social da Cultura, buscando compreender elementos articulados às representações, à ficção, à veracidade e à verossimilhança (Burke, 2005; Chartier, 1989). Partimos do pressuposto de que a arte e a literatura são manifestações da superestrutura, refletindo mudanças na infraestrutura econômica e social (Burke, 2012). A cultura, nesse contexto, refere-se a atitudes, valores e expressões manifestas nas práticas sociais, permitindo-nos observar a expressão dos valores de uma sociedade (Burke, 2012). A literatura, por sua vez, possibilita o resgate da percepção acerca das razões e das sensibilidades (Pesavento, 1995) que moldaram as experiências dos sujeitos em suas representações e manifestações no mundo.

Assim, podemos afirmar que a história tradicional, como a historiografia brasileira, foi construída a partir do silenciamento de cosmovisões originárias (Luciano, 2006; Munduruku, 2011; Santana e Nascimento, 2020). Nos últimos anos, entretanto, temos assistido à emergência de autorias indígenas que denunciam os efeitos e as consequências do *modus vivendi* capitalista/ocidental e apontam para a necessidade de repensarmos nossos caminhos, como fator



incontornável para a construção de um futuro diferente, não catastrófico (Krenak, 2020a,b,c; Krenak, 2024).

Um exemplo desse movimento é o trabalho do escritor e ativista indígena Ailton Krenak,<sup>3</sup> denunciando as violências coloniais, que moldaram a concepção ocidental de humanidade baseada em desigualdades, e as crises ecológicas, gerando pela sua literatura fissuras e resistências no discurso colonial (Silva, 2025). Desse modo, Ailton Krenak propõe narrativas alternativas, inclusivas e plurais (Barros, 2021). O estudo de seu pensamento oferece uma importante perspectiva originária sobre as questões socioambientais (Nascimento e Santos, 2025).

Nesse sentido, a literatura e as questões ambientais têm apresentado importantes contribuições, permitindo a observação das problemáticas relacionadas ao meio ambiente e as desestruturações nos ecossistemas, por exemplo, na literatura de cordel voltada a estudantes do ensino médio (Santos, 2024), bem como na reflexão sobre o Antropoceno e o meio ambiente a partir da ecocrítica (Figueiredo, 2024). Essas abordagens evidenciam a literatura como um campo profícuo para a reflexão sobre a experiência histórica (Montoito e Rios, 2019).

O presente trabalho busca analisar as representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak, a partir da obra “A Vida Não é Útil”, permitindo-nos descortinar importantes elementos constitutivos dessas relações. Esses elementos nos fornecem subsídios para refletir sobre os redesenhos exigidos por nossa história, a partir dos atravessamentos políticos, históricos, culturais, econômicos e sociais que influenciam as relações entre o ser humano e o meio ambiente.

Ao explorarmos o pensamento de Ailton Krenak, buscamos contribuir significativamente para a reavaliação das relações históricas sob a ótica de cosmovisões ancestrais, destacando a urgência e a importância epistemológica dessas vozes emergentes nas reflexões acerca do tempo presente (Dosse, 2012; Delacroix, 2018). Ademais, este trabalho visa fortalecer e reverberar os estudos que promovem a interlocução entre os campos histórico e

---

<sup>3</sup> O autor nasceu em 1953, na região do vale do Rio Doce, território do povo indígena krenak, com a sua trajetória marcada dentro da luta do movimento indigenista brasileiro, a partir da década de 1970, acumulando vasta experiência e reconhecimento na luta pelos direitos dos povos indígenas, além de se tornar uma importante referência para repensarmos nas questões socioambientais (Krenak, 2020c). NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.74-98.



literário, descortinando o potencial teórico, analítico e crítico dessas narrativas para novas leituras e releituras em torno das dimensões política e social.

Dessa forma, é possível observar o descortinar das representações que permeiam o pensamento de Krenak, as quais denunciam as relações conflituosas entre o ser humano e a natureza. Tal perspectiva, como veremos, reafirma a ancestralidade como um gesto de resistência epistemológica para enfrentar as desestruturações sociometabólicas dos ecossistemas decorrentes das ações humanas e promover uma consciência de integração ambiental planetária.

## 2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A construção do nosso trabalho baseou-se em uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa (Gerhardt; Silveira, 2009; Cheuk e Lima, 2012), na tentativa de compreender os significados concernentes aos fenômenos que constituem a obra literária analisada. Nesse tipo de abordagem, privilegiam-se o campo das experiências, das percepções e das subjetividades no fato observado, os quais podem ser posteriormente contrastados com outros trabalhos. Assim, realizamos uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental (Cellard, 2008; Martins e Theophilo, 2009; Cechinel, 2016; Grazziotin, Klaus e Pereira, 2022; Witter, 2023).

Da mesma forma, situamo-nos dentro do campo dos estudos sociais e culturais, tratando a pesquisa como um exercício de história do tempo presente, dada a emergência e historicidade que constituem os trabalhos e a autoria investigada (Ferreira, 2000; Delacroix, 2018). Ademais, aproximamo-nos da história cultural a partir da concepção de representação como ferramenta analítica para interpretar a obra literária e construir a narrativa histórica (Pesavento, 2004).

A obra analisada consiste no livro “A Vida Não é Útil”, de Ailton Krenak, fruto da reunião de ensaios e palestras produzidos pelo autor nos últimos anos (2017-2019). Pesquisado e organizado por Rita Carelli, 1ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2020, o livro está dividido em cinco capítulos: I. Não se come dinheiro; II. Sonhos para adiar o fim do mundo; III. A máquina de fazer coisas; IV. O amanhã não está à venda; V. A vida não é útil.

O *corpus* e os procedimentos de análise foram definidos com base na mobilização do dispositivo da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), com o objetivo de compreender as representações e seus respectivos significados. A escolha pela Análise de Conteúdo (Bardin, NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. Palmeira dos Índios, v. 4, n. 1, p.74-98.



2016) justifica-se pela necessidade de organizar a pluralidade de reflexões presentes nos ensaios de Krenak em eixos temáticos que permitam o confronto com a historiografia tradicional.

Assim, a partir da problemática definida e da busca por recortes que evidenciassem as percepções sobre as relações socioambientais, a análise foi estruturada em quatro seções. Essas seções derivam da fase de exploração do material, na qual as unidades de significado foram agrupadas em categorias analíticas que funcionam como chaves para descortinar as representações socioambientais e o potencial crítico da obra frente ao tecido social.

Essas seções abordam: a representação da humanidade como responsável pela degradação do meio ambiente; a percepção das limitações dos recursos naturais; o papel das instituições na manutenção do sistema; e a cosmovisão indígena como contraponto à desestruturação e ao autoaniquilamento. Essas reflexões nos direcionam para as considerações a seguir.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cerne da reflexão proposta nesta obra consiste na crítica a uma perspectiva utilitarista, a qual pautou a sociedade ocidental responsável por conduzir a humanidade e os ecossistemas à aniquilação total, despertando a necessidade urgente de uma consciência integrada e coletiva em relação ao meio ambiente, a fim de evitar a autodestruição (Krenak, 2020a).

Nesse sentido, o autor denuncia os impactos da humanidade devido ao uso desenfreado e ao consumo desregulado dos recursos naturais, que ameaçam a ecologia e a vida, sendo responsáveis pela atual crise global. Evidencia-se, assim, a percepção de que a ideia de economia, enquanto sistema essencial e necessário para a manutenção do planeta, quando tomada sob uma perspectiva utilitarista, consiste em uma falácia, pois, como temos observado, tem provocado a destruição (Krenak, 2020a), direcionando-nos à necessidade de repensarmos os rumos da humanidade (Guatarri, 2012). Desse modo, as representações socioambientais dispostas neste trabalho nos permitem observar as seguintes considerações:

Neste momento, estamos sendo desafiados por uma espécie de erosão da vida. Os seres que são atravessados pela modernidade, a ciência, a atualização constante de novas tecnologias, também são consumidos por elas. Essa ideia me ocorre a cada passo que damos em direção ao progresso tecnológico: que estamos devorando alguma coisa por onde passamos. (Krenak, 2020a, p.95).

**Tabela 1:** Representação da Humanidade e a Degradação Ambiental



Unidade de Registro	Unidade de Significado	Problematização Histórica/Social
"estamos devorando alguma coisa por onde passamos."	Lógica de predação/consumo.	Crítica ao progresso tecnológico como motor de erosão da vida.
"humanidade se espalhou pelo planeta como uma praga."	Impacto antropocêntrico.	Denúncia das violências coloniais e crises ecológicas.

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Como se observa a partir dos dados sistematizados na Tabela 1, percebe-se que, na perspectiva de Krenak, a humanidade moderna encontra-se sob a lógica de uma predação que naturaliza a destruição da natureza em busca de um progresso tecnológico alienante. Isso tem se demonstrado como um impacto característico do Antropoceno no *modus vivendi* ocidental, o qual transforma a existência em um processo de ocupação predatória, acarretando o que o autor denomina "erosão da vida".

Nessa perspectiva, os problemas ambientais vivenciados resultam das ações humanas, conforme salientam os trabalhos de Marques, Antonino e Montalvão (2021), Marques *et al.* (2021), Marques, Barreto e Mendes (2021), e Marques, Maia e Negreiros (2024). Tais ações afetam as ecologias locais sob a justificativa de desenvolvimento e progresso, inseridas em um sistema predatório aos ecossistemas.

A linguagem do forrageamento passa a ser empregada para representar o consumo humano dos recursos em prol da realização de desejos. Com isso, as nossas formas de organização social complexas desenvolveram, ao longo da história, um funcionamento baseado na degradação ambiental, responsável por devorar o planeta e proporcionar a erosão da vida (Marques, 2023; Gleiser, 2024). Conforme apontado, na perspectiva do autor, a humanidade tem se esvaído na erosão da vida, sendo tanto afetada quanto agente de transformação dos pressupostos que constituem a modernidade, a ciência e as atualizações das novas tecnologias.

Desse modo, a humanidade é colocada como precursora da degradação dos recursos ambientais. A perspectiva consumista e utilitarista tem sido responsável por nortear e afetar as decisões e transformações nas sociedades humanas. Esses efeitos se agravam na medida em que é promovida a discursivização do progresso tecnológico, produzindo, como uma de suas consequências, o consumo desenfreado dos recursos onde existem pegadas humanas.

Marques (2012), ao refletir sobre essas relações da espécie humana com os ecossistemas do planeta, destaca que devemos considerar suas implicações e consequências, tanto positivas quanto negativas. As causas dessa marcha da humanidade profetizam um fim trágico, com a dissolução do mundo e das formas de vida, devoradas pelos desejos atuais da espécie humana, como vemos:

Pois nós estamos fazendo a mesma coisa com o planeta, do meio-dia para o fim da tarde a gente termina de comê-lo. A ecologia nasceu da preocupação com o fato de que o que buscamos na natureza é finito, mas o nosso desejo é infinito, e, se o nosso desejo não tem limite, então vamos comer este planeta todo. (Krenak, 2020a, p. 97)

**Tabela 2:** O Conflito entre a Finitude Planetária e o Desejo Ilimitado

Unidade de Registro	Unidade de Significado	Problematização Histórica/Social
"o que buscamos na natureza é finito, mas o nosso desejo é infinito"	Finitude vs. Desejo.	Conflito entre o paradigma consumista e a sustentabilidade.
"do meio-dia para o fim da tarde a gente termina de comê-lo [o planeta]."	Escassez e colapso iminente.	Reflexão sobre o Antropoceno e a crise sociometabólica do capital

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Como vemos nesta Tabela 2, evidencia-se uma tensão entre a finitude dos recursos naturais e o consumo humano voraz. Tal cenário, quando tomado como categoria de análise, permite evidenciar o colapso iminente como uma realidade já experimentada em diversos contextos, demonstrando uma crise sociometabólica irreversível na qual a natureza é reduzida NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. Palmeira dos Índios, v. 4, n. 1, p.74-98.

a uma abstração manipulável pela técnica e pela ciência para satisfazer anseios humanos. Nesse sentido, as percepções em torno da preocupação ecológica delineiam-se a partir da ambivalência que afeta a humanidade: a finitude dos recursos frente aos desejos ilimitados, provocando uma tensão persistente. Embora isso possa impactar a consciência humana, não tem freado suas ações, ao menos na maioria dos casos (Krenak, 2020a).

Como destaca Pires (2012), o consumismo se configurou como o paradigma cultural dominante, generalizando e naturalizando o ato de consumir, o que impulsiona a humanidade a um padrão de consumo insustentável, responsável pela deterioração dos ecossistemas e pela crescente necessidade de promoção de padrões de consumo sustentáveis. São as intervenções humanas nos ecossistemas que geram consequências nos ciclos biogeoquímicos e desencadeiam a possível escassez de recursos (Pires, 2012). Até lá, o futuro trágico avança, em nome do desenvolvimento e do progresso, culminando na concretização do ato de “comer o planeta”.

A proposta de desacelerar nosso uso de recursos naturais pode sugerir a ideia de adiar o fim deste mundo, mas, em alguns lugares, esse fim já aconteceu — ontem, hoje cedo, vai acontecer depois de amanhã. [...] Na verdade, estou dando notícias velhas. Inclusive nas religiões dos brancos há uma história de que, nos seus primórdios, essa humanidade se espalhou pelo planeta como uma praga. (Krenak, p. 98, 2020a).

**Tabela 3:** Temporalidades do Fim e a Abstração da Natureza

Unidade de Registro	Unidades de Significado	Problematização Histórica e Social
"A proposta de desacelerar nosso uso de recursos naturais pode sugerir a ideia de adiar o fim deste mundo, mas, em alguns lugares, esse fim já aconteceu".	Irreversibilidade e Temporalidade do Fim: O reconhecimento de que os impactos ambientais já atingiram níveis catastróficos em contextos específicos.	A crise sociometabólica do sistema capitalista é apresentada como irreversível em seus efeitos, evidenciando uma crise profunda nas relações homem-natureza.
"Inclusive nas religiões dos brancos há uma história de	Denúncia da Marcha Humana: A percepção da expansão da	Confronto entre leituras materialistas dos tempos históricos



Unidade de Registro	Unidades de Significado	Problematização Histórica e Social
que [...] essa humanidade se espalhou pelo planeta como uma praga."	humanidade moderna como um processo de ocupação predatória.	e percepções originárias, configurando um compromisso com a responsabilidade socioambiental.
"[...] fomos reduzindo esse organismo maravilhoso a uma esfera composta de elementos que constituem o que chamamos de natureza — essa abstração."	Perspectiva Antropocêntrica e Utilitarista: A redução da natureza a um mero recurso ou "matéria plástica" para atender desejos humanos.	A negação da natureza como organismo vivo e sujeito de direitos justifica sua exploração desenfreada pelas éticas humanas, ignorando a relação direta espécie-planeta.

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Como exposto na Tabela 3, a percepção de Krenak acerca do esgotamento planetário não se limita a uma previsão futura, mas a um diagnóstico catastrófico já consolidado em diferentes temporalidades e territorialidades. De acordo com as unidades de significado extraídas, é possível observar essa crise sociometabólica do capital, indissociável de uma construção mental que reduz a complexidade da vida no planeta a uma abstração utilitária, direcionando a marcha da humanidade moderna, que ignora a responsabilidade socioambiental.

Embora esse tenha sido o percurso delineado até então, a possibilidade de reverter ou desacelerar os efeitos — o que já implica o reconhecimento de impactos irreversíveis — pode ser fomentada por meio da conscientização sobre o uso dos recursos (Turin, 2022). No entanto, já se observam efeitos apocalípticos em diversas partes do mundo, decorrentes das catástrofes ambientais em curso.

Nesse sentido, Mészáros (2020) destaca que o atual estado de crise sociometabólica do sistema capitalista já se tornou irreversível em seus efeitos, dada a sua gravidade. Esse panorama evidencia o contexto de crise nas relações entre o homem e a natureza, tanto nas leituras materialistas dos tempos históricos quanto nas percepções originárias representadas NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. Palmeira dos Índios, v. 4, n. 1, p.74-98.



pelo autor, configurando-se como uma forma de denúncia e compromisso com a preservação planetária e a responsabilidade socioambiental.

Outra importante representação advém da visão da natureza sob uma perspectiva antropocêntrica e utilitarista, que a reduz a um mero recurso para atender aos desejos e necessidades humanas, justificando sua exploração pelas éticas humanas. Essa visão nega sua condição de organismo vivo, produtor e reprodutor da vida e sujeito de direitos. Percebe-se, assim, que até aqui predomina a ideia de que não existe uma relação direta entre a espécie humana e o planeta.

Durante milhares de anos, em diferentes culturas, fomos induzidos a imaginar que os humanos podiam agir impunemente sobre o planeta e fomos reduzindo esse organismo maravilhoso a uma esfera composta de elementos que constituem o que chamamos de natureza — essa abstração. Construimos justificativas para incidir sobre o mundo como se fosse uma matéria plástica: podemos fazê-lo ficar quadrado, plano, podemos esticá-lo, puxá-lo. Essa ideia também orienta a pesquisa científica, a engenharia, a arquitetura, a tecnologia. (Krenak, 2020a, p. 100).

**Tabela 4:** Instrumentalização Técnica e a Objetificação da Natureza

Unidade de Registro	Unidades de Significado	Problematização Histórica e Social
<p>"[...] fomos reduzindo esse organismo maravilhoso a uma esfera composta de elementos que constituem o que chamamos de natureza — essa abstração."</p>	<p>Abstração e Fragmentação da Natureza: A perda da percepção da Terra como organismo vivo, transformando-a em um conceito vazio e manipulável.</p>	<p>A sociedade moderna perdeu a perspectiva de pertencimento ao mundo natural, validando um uso inconsequente dos recursos planetários sem a devida responsabilidade pelos efeitos.</p>
<p>"Construimos justificativas para incidir sobre o mundo como se fosse uma matéria plástica [...] Essa ideia também orienta a pesquisa científica, a engenharia, a arquitetura, a tecnologia."</p>	<p>Instrumentalização Técnica: O uso da ciência e da tecnologia para legitimar a moldagem do mundo conforme os desejos humanos.</p>	<p>O pensamento utilitarista esvazia a complexidade da vida, legitimando lógicas de consumo da "materialidade" do planeta. A ciência e a tecnologia tornam-se ferramentas dessa projeção trágica.</p>
<p>"[implícito no diálogo com Marques] diferentemente desse primeiro aspecto [sagrado], o segundo reflete a banalização dos sistemas ecológicos e sua</p>	<p>A Natureza "Sangrada": A banalização dos ecossistemas em prol de um projeto de civilização que ameaça a vida.</p>	<p>A bifurcação entre natureza "sagrada" e "sangrada" (Marques, 2020) revela a destruição dos sistemas ecológicos como subproduto de uma civilização que</p>



Unidade de Registro	Unidades de Significado	Problematização Histórica e Social
utilização como objetos descartáveis."		descarta a biodiversidade e as culturas étnicas.

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Como sintetizado na Tabela 4, Krenak desenvolve em seu pensamento uma importante denúncia acerca da construção de uma abstração em torno da natureza, a qual serve de justificativa para intervenções predatórias. Tal processo decorre de uma perspectiva que reduz o planeta Terra a uma matéria descartável com fins estritamente utilitários à sociedade contemporânea. Como consequência, observa-se a perda do sentimento de pertencimento ao organismo vivo da Terra, com desdobramentos éticos de um projeto civilizacional que legitima a exploração exaustiva dos ecossistemas no Antropoceno.

A sociedade moderna, em sua maioria, dissociou-se da perspectiva de integração ao mundo natural e ao planeta enquanto espécie, conforme denunciado pelo autor (Guattari, 1990; Bauman, 2001; Krenak, 2024). Essa desconexão possibilita a reprodução de um paradigma cultural no qual a ação humana se justifica pelo uso inconsequente dos recursos naturais, sem a devida ponderação ou responsabilização por seus efeitos socioambientais.

Para Marques (2020), as interações entre as sociedades humanas e os ecossistemas apresentam uma bifurcação entre a natureza sagrada e a natureza sangrada. A primeira representa o que restou preservado, enquanto a segunda é a natureza destruída pelos efeitos das ações humanas no mundo natural. São essas concepções de sacralidade que promovem e impulsionam a conservação da biodiversidade planetária, especialmente entre povos e comunidades tradicionais (Marques, 2020). Diferentemente desse primeiro aspecto, o segundo reflete a banalização dos sistemas ecológicos e sua utilização como objetos descartáveis a serviço de um projeto de civilização que ameaça a vida das espécies, os ecossistemas e as culturas étnicas.

Esse pensamento utilitarista, em nossa perspectiva, esvazia nossa compreensão da riqueza e da complexidade da vida e do planeta Terra. Assim, são estabelecidas e legitimadas lógicas que justificam o consumo dessa materialidade, que seria o próprio planeta. Nesse

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.74-98.



contexto, Krenak (2020a) denuncia mais uma vez como essa projeção trágica tem incidido e se intensificado, influenciando a constituição do pensamento científico, das engenharias, das arquiteturas, das tecnologias, entre outros campos.

Além disso, Krenak (2020a) destaca que o principal responsável por essa cosmovisão utilitarista, capaz de reduzir a complexidade dos ecossistemas a meras mercadorias, é justamente a perspectiva ocidental em suas formas de se relacionar com o meio, como podemos observar no seguinte excerto:

O modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência total. As informações que ela recebe de como se constituir como pessoa e atuar na sociedade já seguem um roteiro predefinido: vai ser engenheira, arquiteta, médica, um sujeito habilitado para operar no mundo, para fazer guerra; tudo já está configurado. (Krenak, p.101, 2020a).

**Tabela 5:** A Reprodução Ideológica e a Naturalização do Mundo-Mercadoria.

Unidade de Registro	Unidades de Significado	Problematização Histórica e Social
"O modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada [...] como se fosse uma experiência total."	Naturalização da Mercadorização: A transformação do planeta em objeto de troca, aceita como realidade absoluta e única forma de vida possível.	A dicotomia moderna separa artificialmente natureza e sociedade (Latour, 1994), impedindo a percepção das interações reais entre humanos e ecossistemas e produzindo uma falsa distinção ontológica.
"As informações que ela [a criança] recebe [...] já seguem um roteiro predefinido: [...] um sujeito habilitado para operar no mundo, para fazer guerra; tudo já está configurado."	Socialização e Roteirização do Sujeito: A formação de indivíduos condicionados a operar e sustentar o sistema predatório por meio de profissões técnicas e utilitaristas.	As instituições e o conhecimento operam como Aparelhos Ideológicos (Althusser, 1985), que retroalimentam os processos de desenvolvimento e predação, privilegiando o consumo mesmo diante da desestruturação do planeta.
"Dessa forma, essas lógicas discrepantes e autodestrutivas são transmitidas [...] perpetuando-se ao longo da história, com seus efeitos e consequências."	Perpetuação do Colapso: A transmissão transgeracional de práticas nocivas que garantem a continuidade da exploração até o limite dos recursos.	As culturas determinam o uso dos recursos (Peres, 2010), e enquanto a lógica moderna predominar, o extrativismo continua mesmo sob alerta de colapso iminente,



Unidade de Registro	Unidades de Significado	Problematização Histórica e Social
		transferindo o "roteiro trágico" às novas gerações (Krenak, 2019).

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Como se observa na Tabela 5, evidencia-se a forma pela qual o modo de vida ocidental opera e estabelece uma experiência totalizante, responsável por formatar os indivíduos para a reprodução de uma lógica mercadológica em relação aos recursos naturais. Esse fenômeno abrange desde os aspectos institucionais até as ações individuais dos sujeitos, as quais perpetuam o extrativismo degradante e o colapso socioambiental.

Essa forma de vida moderna apresenta-se como uma experiência de totalidade humana, autossustentável e plausível, sendo frequentemente tida como a única maneira possível de relação entre a espécie humana, suas culturas e o mundo natural. Por conseguinte, tais lógicas discrepantes e autodestrutivas são transmitidas e naturalizadas às novas gerações por meio dos processos de socialização, perpetuando-se historicamente apesar de seus efeitos nocivos à própria espécie.

Latour (1994) argumenta que essa dicotomia moderna, baseada na separação entre natureza e sociedade, consiste em uma construção artificial, responsável por produzir uma falsa distinção entre o mundo natural e o mundo social, sendo incapaz de refletir a realidade das interações entre as sociedades humanas.

Para Peres (2010), as culturas são o fator determinante no uso dos recursos naturais pelas sociedades humanas, sendo que cada grupo étnico possui uma percepção específica sobre o ecossistema, os usos dos recursos e a conservação do ambiente em que está inserido. Nesse sentido, podemos observar, por meio das comunidades indígenas, essa relação manifestada nas principais atividades de cultivo, extrativismo e uso alimentar (Krenak, 2020a).

Dessa maneira, podemos assinalar, de forma trágica, que enquanto essa lógica predomina e ainda há algum recurso disponível, este continua sendo explorado, mesmo diante dos alertas sobre seu iminente colapso. Com isso, as novas gerações recebem essa perspectiva predefinida, apenas dando continuidade e perpetuação a esses rumos da história (Krenak, 2019).

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.74-98.

Nesse contexto, devemos refletir sobre o papel das instituições e do conhecimento que, como vimos, operam tanto na perpetuação quanto na possibilidade de ruptura desse sistema (Althusser, 1985). Entretanto, devido às suas relações de poder e influências sociais, essas instituições, que em alguma medida poderiam promover mudanças, acabam por retroalimentar os processos de desenvolvimento que, na perspectiva de Krenak (2020a), são responsáveis por predação dos recursos e as espécies. Isso ocorre porque privilegiam e incentivam o consumo e a exploração dos recursos naturais, mesmo diante da profunda desestruturação sociometabólica do planeta.

Acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo. Para mim isso não é educação, mas uma fábrica de loucura que as pessoas insistem em manter. (Krenak, p.101-102, 2020a).

**Tabela 6:** A Crítica às Instituições e a Fabricação da Existência Utilitária

Unidade de Registro	Unidades de Significado	Problematização Histórica e Social
"O que chamam de educação é [...] chapá-lo [o ser humano] de ideias e soltá-lo para destruir o mundo. [...] uma fábrica de loucura."	Educação como Mecanismo de Adestramento: A crítica à escola como espaço que anula a liberdade de pensamento em favor da funcionalidade predatória.	Os processos educacionais operam como Aparelhos Ideológicos de Estado (Althusser, 1985), transformando massas humanas em máquinas de perpetuação de ideias nocivas aos ecossistemas (Freud, 2013).
"As religiões, a política, as ideologias se prestam muito bem a emoldurar uma vida útil. [...] esse mundo está ótimo: um tremendo shopping."	Existência Utilitária e Mercadológica: A redução da experiência humana ao consumo e à utilidade, legitimada pelas superestruturas sociais.	A reprodução de práticas sociais e culturais consolida a perspectiva utilitarista (Bourdieu, 1996), reduzindo a Terra (organismo vivo) a um "shopping" voltado para o consumo da vida, mas incapaz de sustentá-la.
"[...] a perspectiva indígena como um contraponto a esse desfecho catastrófico, destacando sua capacidade de interligar e reconectar a espécie humana ao todo."	Resistência e Reconexão Ontológica: A cosmovisão indígena como alternativa epistemológica à desestruturação provocada pelas instituições ocidentais.	A proposta de Krenak surge como uma possibilidade de ruptura com o sistema, visando restabelecer o pertencimento da espécie humana aos ecossistemas em oposição à lógica insustentável do consumo.



**Fonte:** Elaborado pelos autores

A sistematização presente na Tabela 6 revela que, para Krenak, as instituições educacionais, religiosas e políticas funcionam como engrenagens de uma fábrica, incumbidas de impor aos sujeitos uma lógica de consumo predatória em relação ao planeta. Tal constatação direciona o olhar, mais uma vez, ao papel preponderante das instituições e aos seus efeitos sobre os indivíduos, sem, contudo, eximir a responsabilidade inerente às ações humanas.

Nesse sentido, o autor identifica essa responsabilidade institucional como um dos principais fatores na reprodução de um sistema de desigualdade e exploração desenfreada. Para ele: “As religiões, a política, as ideologias se prestam muito bem a emoldurar uma vida útil. Mas quem está interessado em existência utilitária deve achar que esse mundo está ótimo: um tremendo shopping” (Krenak, 2020a, p. 111).

Desse modo, os processos educacionais têm se constituído em mecanismos de reprodução de uma lógica nociva às ecologias dos ecossistemas, transformando as massas humanas (Freud, 2013) em máquinas de perpetuação dessas ideias.

Os sentidos em torno da vida são, assim, produzidos e reproduzidos por meio das religiões, da política e das ideologias, seja no nível da ideologia, em termos althusserianos (Althusser, 1985), seja por meio da reprodução das práticas sociais e culturais, conforme aponta Bourdieu (1996), consolidando e reforçando essa perspectiva utilitarista da vida (Krenak, 2019). Dessa forma, a ideia da Terra como um organismo vivo é reduzida a um shopping opaco e robotizado, repleto de tecnologia voltada para o consumo da vida, mas incapaz de sustentá-la. Assim, ainda que essas lógicas de consumo possam satisfazer temporariamente os desejos humanos, são insustentáveis.

Diante de todas essas discrepâncias e desestruturações, Krenak (2020a) apresenta a perspectiva indígena como um contraponto a esse desfecho catastrófico, destacando sua capacidade de interligar e reconectar a espécie humana ao todo e aos ecossistemas. Para isso, as cosmovisões originárias e ancestrais surgem como evidências de uma profunda conexão com a natureza, sendo coletivamente afetadas e contrapondo-se às lógicas de dominação e exploração ocidental (Munduruku, 2011). Como vemos:

Nós estamos, devagarzinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram sem todo esse aparato que hoje consideramos indispensável. Os povos que vivem dentro da floresta sentem isso na pele: veem sumir a mata, a abelha, o colibri,

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.74-98.



as formigas, a flora; veem o ciclo das árvores mudar. Quando alguém sai para caçar tem que andar dias para encontrar uma espécie que antes vivia ali, ao redor da aldeia, compartilhando com os humanos aquele lugar. O mundo ao redor deles está sumindo. Quem vive na cidade não experimenta isso com a mesma intensidade porque tudo parece ter uma existência automática: você estende a mão e tem uma padaria, uma farmácia, um supermercado, um hospital. (Krenak, p.98-99, 2020a)

**Tabela 7:** A Cosmovisão Indígena como Contraponto às Desestruturações

Unidades de Registro	Unidades de Significado	Problematização Histórica e Social
<p>"Os povos que vivem dentro da floresta sentem isso na pele: veem sumir a mata [...] Quem vive na cidade não experimenta isso com a mesma intensidade."</p>	<p>Sensibilidade vs. Alienação Urbana: A distinção entre a experiência corpórea da degradação e a vida mediada pelo consumo ("existência automática").</p>	<p>A estruturação da vida urbana em uma lógica dissociada da natureza mascara o colapso ambiental. As diferentes percepções sobre o meio ambiente afetam diretamente as políticas de gestão dos recursos (Gonçalves &amp; Gonçalves, 2013).</p>
<p>"Nós estamos, devagarzinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram sem todo esse aparato que hoje consideramos indispensável."</p>	<p>Aniquilação de Mundos e Ancestralidade: O reconhecimento de que o fim da biodiversidade é, simultaneamente, o fim de culturas e modos de vida milenares.</p>	<p>As cosmovisões ancestrais surgem como evidência de uma conexão profunda que se contrapõe às lógicas de dominação ocidental (Munduruku, 2011). O desaparecimento dos recursos constitui o desaparecimento do próprio sujeito indígena.</p>
<p>"[...] essa perspectiva [sustentável] compreendida apenas quando observada sob a ótica da interconexão e da ancestralidade."</p>	<p>Interconexão Vital como Alternativa: A proposta de um futuro sustentável baseado na ótica indígena da interdependência.</p>	<p>A aniquilação do planeta equivale à aniquilação dos mundos humanos. A sabedoria ancestral reside como alternativa política e histórica para a preservação planetária frente ao colapso (Krenak, 2020a; 2020b).</p>

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Como apresentado nesta Tabela 7, a crise perceptível nas concepções de humanidade permite observar como "perspectivas outras" podem instituir gestos de leitura e de resistência em torno da política, do social, da cultura e da natureza. Tal abordagem possibilita identificar as representações que sustentam tanto a predação quanto as potências de cura do planeta.

Nesse sentido, é justamente na sabedoria ancestral, gestada e preservada pelos povos indígenas, que reside uma alternativa robusta para a construção de um futuro sustentável. O NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. Palmeira dos Índios, v. 4, n. 1, p.74-98.



autor destaca que a aniquilação do planeta e de seus recursos equivale à própria aniquilação dos mundos humanos, sendo essa perspectiva compreendida plenamente apenas quando observada sob a ótica da interconexão e da ancestralidade (Krenak, 2020a).

Desse modo, assim como o mundo natural em si, os recursos constituem as formas de vida dos povos indígenas; o desaparecimento desses elementos implica o desaparecimento do mundo ao seu redor, que os sustenta e os constitui (Krenak, 2020b). No entanto, essas perdas e seus efeitos são menos perceptíveis para aqueles que vivem nas dinâmicas do mundo urbano, pois já se distanciaram e estruturaram suas formas de vida em uma lógica dissociada da natureza e das florestas. Como destacam Gonçalves e Gonçalves (2013), são as diferentes percepções que os indivíduos possuem em relação aos recursos naturais e ao meio ambiente que afetam diretamente suas políticas de gestão desses recursos.

Embora a língua e os discursos (Orlandi, 2008) denunciem as articulações e as relações entre as cosmovisões dos povos indígenas e a concepção do planeta Terra como mãe, inúmeros equívocos e incompreensões surgem quando essas ideias são lidas sob a ótica colonialista, como se segue:

Quando os índios falam: “A Terra é nossa mãe”, os outros dizem: “Eles são tão poéticos, que imagem mais bonita!”. Isso não é poesia, é a nossa vida. Estamos colados no corpo da Terra, quando alguém a fura, machuca ou arranha, desorganiza o nosso mundo. Cada indivíduo dessa civilização que veio para saquear o mundo indígena é um agente ativo dessa predação. E estão crenes de que estão fazendo a coisa certa. Talvez o que incomode muito os brancos seja o fato de o povo indígena não admitir a propriedade privada como fundamento. É um princípio epistemológico. (Krenak, p.111, 2020a)

**Tabela 8:** Princípios Epistemológicos Originários vs. Lógica Colonial

Unidade de Registro	Unidades de Significado	Problematização Histórica e Social
<p>"Quando os índios falam: 'A Terra é nossa mãe' [...] Isso não é poesia, é a nossa vida. Estamos colados no corpo da Terra".</p>	<p>Rejeição da Metáfora Poética: A afirmação da relação matriarcal com a Terra como uma realidade biológica e espiritual, não uma mera idealização estética.</p>	<p>A língua e os discursos (Orlandi, 2008) revelam o confronto entre cosmovisões. O que o colonialismo lê como "poesia" é, na verdade, a base da existência e da espiritualidade indígena (Gleiser, 2024).</p>



Unidade de Registro	Unidades de Significado	Problematização Histórica e Social
"[...] talvez o que incomode muito os brancos seja o fato de o povo indígena não admitir a propriedade privada como fundamento. É um princípio epistemológico."	Crítica à Propriedade Privada: O choque entre a posse individual (eurocêntrica) e a vida coletiva/comunitária (originária).	A desorganização dos ecossistemas desestrutura formas de vida comuns e coletivas (Marques, 2023). A negação da propriedade privada constitui um princípio epistemológico que desafia a hegemonia utilitarista ocidental.
"Cada indivíduo dessa civilização que veio para saquear o mundo indígena é um agente ativo dessa predação. E estão crenes de que estão fazendo a coisa certa."	Agência Predatória Naturalizada: A crítica ao sujeito colonial que opera a destruição do mundo sob a justificativa do "progresso" ou do "correto".	As cosmovisões originárias contrapõem-se às lógicas de dominação e exploração ocidental (Munduruku, 2011). Tudo o que afeta o natural impacta a identidade e o pertencimento coletivo (Krenak, 2020a).

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Como exposto na Tabela 8, a análise das representações revela que Krenak observa o confronto discursivo entre a ótica colonial e a cosmovisão indígena — esta última compreendida como base material e espiritual da vida. Observa-se como os efeitos desses discursos se materializam em distintos níveis da sociedade, legitimando ou deslegitimando as práticas humanas. Desse modo, a desestruturação e a desorganização dos ecossistemas são perceptíveis como uma agressão e como a naturalização de uma predação que ignora a necessidade de uma reconexão ontológica, a qual reconheça a natureza como sujeito de direito e matriz identitária dos sujeitos.

Nesse sentido, essas formas de se relacionar com a Terra não se reduzem a meras idealizações poéticas, mas buscam convocar uma conexão mais profunda, pautada nos valores que fundamentam a existência desses povos (Krenak, 2024). Sob essa perspectiva, o mundo e as vidas indígenas estruturam-se a partir de uma relação matriarcal com a Terra, que os sustenta, nutre e interconecta, evidenciando a centralidade de suas espiritualidades (Gleiser, 2024).



Com isso, essas cosmovisões não se apresentam como totalidades a serem impostas de maneira hegemônica e eurocêntrica, mas sim como partes interligadas ao todo. Dessa forma, tudo o que afeta o mundo natural impacta diretamente sua constituição, sua coletividade, seu pertencimento e sua identidade (Krenak, 2020a).

A desorganização dos ecossistemas implica a desestruturação de suas formas de vida, que são comuns, coletivas e comunitárias a todas as espécies e formas de existência que compõem a pulsação vital do nosso planeta (Marques, 2023) e, portanto, não podem ser reduzidas a meros bens ou propriedades privadas (Krenak, 2020a). Assim, essas formas de ser e de se relacionar, distintas da perspectiva utilitarista ocidentalizada, constituem um princípio epistemológico essencial no cerne do pensamento, das percepções e das análises desenvolvidas sob a perspectiva originária delineada por Krenak (2020a).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos encontros entre os estudos históricos e literários, tomando-os como fontes para a produção de narrativas historiográficas capazes de fornecer compreensão e representações do mundo sociocultural e das relações entre o homem e o meio ambiente, buscamos analisar as representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra “A Vida Não É Útil”, identificando quatro importantes momentos de compreensão dessas tensões diante de uma sociedade humana marcada pela modernidade e seu caráter utilitarista frente à finitude dos recursos naturais.

Desse modo, Krenak constrói, em sua tessitura literária, uma importante denúncia da espécie humana como forrageadora e essencialmente destrutiva na modernidade, em razão das lógicas ocidentalizadas da ecologia dos ecossistemas, das ideias de desenvolvimento e progresso e dos desejos que resultam na ameaça destrutiva à própria existência da espécie. Assim, as comunidades da floresta representam um importante contraponto a essas lógicas, pois possuem, em sua cosmovisão, uma compreensão de integração com a natureza e um compromisso com a preservação desses recursos, justamente por sua finitude. Para isso, enfatizam a necessidade de manutenção dos ciclos ecológicos e de recuperação ambiental para a perpetuação das espécies e de seu pertencimento ao meio. Dessa forma, a cosmovisão originária e ancestral presente nos povos indígenas surge como uma alternativa essencial de resistência diante dessas crises socioambientais iminentes.



Além disso, Krenak formula suas críticas do ponto de vista institucional, dirigindo-as àqueles que produzem e reproduzem valores nocivos ao meio ambiente, perpetuando um modelo predatório.

Com isso, ressaltamos a importância da emergência de autores cujas cosmovisões se distanciam das perspectivas hegemônicas do mundo ocidental, como ocorre no pensamento provocativo e reflexivo de Ailton Krenak. Também enfatizamos a relevância da aproximação entre a construção do conhecimento histórico e as obras literárias, considerando suas especificidades. Assim, as produções literárias que abordam questões socioambientais não apenas apresentam críticas sensíveis às contradições das relações humanas, mas também oferecem posicionamentos importantes e formas alternativas de resistência. São capazes, ainda, de reimaginar e propor novas possibilidades de relações socioambientais, afetando e alcançando diferentes sujeitos em sua pluralidade existencial.

Dessa maneira, reforçamos a importância de trabalhos que destacam a profícua relação entre os estudos históricos e as obras literárias, as quais se constituem como fontes valiosas para a produção do conhecimento histórico. Suas inúmeras possibilidades de análise, fundamentadas nas percepções e sensibilidades representadas e semantizadas em suas narrativas, permitem acessar e reinterpretar os tempos históricos por meio das experiências dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**: edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019.

BARROS, Randra Kevelyn Barbosa. O pensamento de Ailton Krenak: voz intelectual indígena no Brasil. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 11, n. 23, p. 214-227, jan./mar. 2021.

BORGES, P. D. V. R. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 16 jan. 2025.

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.74-98.



BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BRAVO, Maicon Pinto. Construindo alternativas à crise socioambiental contemporânea: educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória e história oral. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 26, 2013. DOI: 10.14295/remea.v26i0.3497. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3497>. Acesso em: 16 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno Meio Ambiente**: educação ambiental: educação para o consumo. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://gedh-uerj.pro.br/documentos/caderno-meio-ambiente-educacao-ambiental-educacao-para-o-consumo/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. 2. ed. ampliada. Campinas: Editora Unesp, 2012.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 193 p.

CECHINEL, Andre et al. Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. **Criar Educação**, v. 5, n. 1, 2016.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia).

CHARTIER, Roger. **A história Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1989.

CHUEKE, Gabriel Vouga; LIMA, Manolita Correia. Pesquisa qualitativa: evolução e critérios. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 128, p. 63-69, 2012.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 39-79, 2018.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, v. 4, n. 1, p. 5-23, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, maio/jun. 2000.

FIGUEIRÊDO, Ferdinando de Oliveira. Antropoceno e meio ambiente em arena: uma leitura ecocrítica de Jogos vorazes, de Suzanne Collins. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 59, n. 1, p. e45720, 2024. DOI: 10.15448/1984-7726.2024.1.45720. Disponível em: <https://puers.emnuvens.com.br/fale/article/view/45720>. Acesso em: 16 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.74-98.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Disponível em: <https://archive.org/details/pedagogia-do-oprimido-paulo-freire>. Acesso em: 8 fev. 2025.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONÇALVES, Idomar Sá; GONÇALVES, Vanda Lúcia Sá. Políticas públicas, percepção e gestão ambiental. **Planeta Amazônia: Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas**, v. 5, p. 167-177, 2013.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi; KLAUS, Viviane; PEREIRA, Ana Paula Marques. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. **Pro-Posições**, v. 33, p. e20200141, 2022.

GUIMARÃES JÚNIOR, Wagner Fredmar. Considerações sobre o conceito de forma literária na obra de Antonio Candido. **Revista De Letras Norte@mentos**, Sinop, v. 17, n. 47, p. 1–20, 2024. DOI: 10.30681/rln.v17i47.12141. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/12141>. Acesso em: 4 jan. 2026.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suely Rolnik. 21. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. Rio de Janeiro: Taurus, 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020c.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LATOUR, Bruno. **Nunca fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Ivone C. Benedetti. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1473-1494, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 7 fev. 2025.

LUCIANO, Gersem José dos Santos Baniwa. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD, LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/o-indio-brasileiro-o-que-voce-precisa-saber-sobre-os-povos-indigenas-no-brasil-de>. Acesso em: 7 fev. 2025.

MACHADO, Márcia. Literatura, formação e educação na obra de Antonio Candido: a humanização do homem. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 37, n. 107, p. 163–182, 2023. DOI: 10.1590/s0103-4014.2023.37107.010. Disponível

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.74-98.



em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/hnKVbrZPPHHD4LnHgtmgTrc/?format=pdf&lang=pt>  
. Acesso em: 01 jan. 2026.

MARQUES, J. Com a vida após a covid. In: MARQUES, J.; DIAS-LIMA, A. (org.). **Ecologia humana & pandemias: consequências da COVID-19 para o nosso futuro**. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2020. p. 16-27.

MARQUES, Juracy; ANTONINO, Lucas Zenha; MONTALVÃO, Pablo (org.). **Amputações das Montanhas do Sertão: ecocídio e mineração na Bahia**. v. 2. Paulo Afonso: SABEH, 2021.

MARQUES, Juracy; BARRETO, Andreza; BARRERO, Flávio Marques C.; MAIA, Ícaro. **O cárcere dos ventos: destruição das Serras pelos complexos eólicos**. v. 3. Paulo Afonso: SABEH, 2021.

MARQUES, Juracy; BARRETO, Andreza; MENDES, Amilton. O Movimento Salve as Serras (SAS). In: MARQUES, Juracy; WAGNER, Alfredo (org.). **Ecocídio das Serras do Sertão**. Paulo Afonso: SABEH, 2021. v. 1. p. 53-76.

MARQUES, Juracy; MAIA, Ícaro; NEGREIROS, Gustavo (org.). **O Fogo do Fogo: ecologia e política das queimadas nas Serras do Sertão**. Paulo Afonso: SABEH, 2024. v. 4.

MARTINS, G. A.; THEOPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

MONTOITO, Rafael; RIOS, Diogo Franco. Manchas de tinta no papel: a literatura como fonte histórica. **Zetetike**, Campinas, SP, v. 27, p. e019024, 2019. DOI: 10.20396/zet.v27i0.8654788. Disponível

em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8654788>. Acesso em: 26 jan. 2025.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu Vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NASCIMENTO, Ayrton M.; SANTANA, Pedro A. Decolonialidade: contribuições para (re)pensar a História. **Revista de Ciências Humanas Caeté**, v. 2, n. 3, p. 167-178, 2020.

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. Epistemologias insurgentes e autorias indígenas: uma análise das relações socioambientais na obra *Ideias para adiar o fim do mundo* de Ailton Krenak. **Revista Temporis[ação]**, [S. l.], v. 25, n. 02, p. 01–20, 2025. ISSN 2317-5516. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/16884>. Acesso em: 2 jan. 2026.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

NASCIMENTO, Ayrton Matheus da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. **As representações das relações socioambientais no pensamento de Ailton Krenak a partir da obra *A vida não é útil* (2020)**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.74-98.



PEREZ, Inayê Uliana. Uso dos recursos naturais vegetais na Comunidade Indígena Araçá, Roraima. 2010. 80 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil: (séculos XIX e XX). **Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, RS, n. 4, p. 115-127, dez. 1995.

PIRES, I. Problemas sociais complexos: o olhar da ecologia humana. In: **Ecologia Humana: uma visão global**. p. 101-121, 2014.

SANTOS, Leticia Sousa dos et al. O Meio ambiente retratado na literatura de cordel por estudantes do ensino médio. **Ambiente & Sociedade**, v. 27, p. e000516, 2024.

SILVA, E. H. Índios no Nordeste: por uma História Socioambiental Regional. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**, n. 240, p. 117–136, 2017. DOI: 10.25247/2447-861X.2017.n240.p117-136.

SILVA, Nádia Nara da. A colonização na tessitura do Antropoceno: as ponderações de Ailton Krenak. **Revista Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 84, p. 105–121, 2025. ISSN 2317-9945. DOI: 10.28998/2317-9945.202584.105-121. Disponível em: <https://ufal.emnuvens.com.br/revistaleitura/article/view/17935>. Acesso em: 2 jan. 2026.

TURIN, Rodrigo. A "catástrofe cósmica" do presente: alguns desafios do Antropoceno para a consciência histórica contemporânea. In: **História do tempo presente: mutações e reflexões**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2022.

WITTER, Geraldina Porto. Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental e Busca de Informação. **Estudos de Psicologia**, [S. l.], v. 7, n. 1-2, p. 05–30, 2023. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7924>. Acesso em: 14 jan. 2024.